



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LICENCIATURA EM LETRAS  
TURMA DE LETRAS PARFOR – ABAETETUBA

Bernadete do Socorro da Silva Pinheiro.

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS  
ESCRITOS DOS ALUNOS DA TURMA DO 6º ANO DA ESCOLA PROFESSOR  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

Abaetetuba--Pará

2013



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LICENCIATURA EM LETRAS  
TURMA DE LETRAS PARFOR – ABAETETUBA

Bernadete do Socorro da Silva Pinheiro.

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS  
ESCRITOS DOS ALUNOS DA TURMA DO 6º ANO DA ESCOLA PROFESSOR  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
a obtenção do grau do curso de  
licenciatura em Letras, da Universidade  
Federal do Pará, Orientadora: Prof<sup>a</sup>  
Lorena Freitas

Abaetetuba--Pará

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

Pinheiro, Bernadete do Socorro da Silva.

Dificuldade de aprendizagem na interpretação e textos escritos dos alunos da turma do 6º ano da escola professor Bernardino Pereira de Barros / Bernadete do Socorro da Silva Pinheiro. — 2013. 51 f. : il.

Orientador(a): Profª. MSc. Lorena Lopes de Freitas  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Ensino. 2. Interpretação. 3. Leitura. 4. Textos. I. Título.

CDD 469

---

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS  
ESCRITOS DOS ALUNOS DA TURMA DO 6º ANO DA ESCOLA PROFESSOR  
BERNARDINO PEREIRA DE BARROS.**

---

Prof<sup>a</sup>. Lorena Freitas

**Orientadora**

---

**Banca**

---

**Banca**

Abaetetuba/Pará

2013

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente agradeço ao nosso grandioso Deus e ao nosso senhor Jesus Cristo pelo dom da vida e por ser sempre meu guia em todos os momentos de minha vida.

Agradeço aos meus pais Benedito e Maria da Conceição, pela educação que me proporcionaram em toda a minha vida e pelo incentivo, pela força e pelos exemplos que sempre me deram, os quais uso em todos os segmentos de minha vida, e as minhas filhas, Mayara e Najara, por estarem sempre ao meu lado me apoiando e me ajudando.

Agradeço ao Governo Federal por ter proporcionado a chance de ingressar em uma universidade, ao coordenador da universidade, aos professores que participaram ao longo do curso, aos meus colegas de turma, ao diretor e funcionários da escola que cederam o espaço escolar para estudarmos.

Agradeço também a diretora, professores e alunos da Escola Professor Bernardino Pereira de Barros por permitir a realização da pesquisa de campo na mesma.

A minha orientadora, Lorena Freitas, que contribuiu para a realização desse trabalho, sou muito grata ao pela contribuição que a mesma nos deu nas horas difíceis, agradeço de coração a confiança depositada por todos que colaboraram nesta caminhada.

A todos os demais amigos da UFPA, que fizeram parte desse momento, agradeço pelo carinho, companheirismo e amizade.

Dedico este trabalho ao meus familiares pelo amor, carinho, força, incentivo e intenso companheirismo nos momentos decisivos de minha vida.

Também dedico este trabalho a nossa orientadora, Prof<sup>a</sup>: Lorena Freitas, amiga e colaboradora.

“Não há como chegar á qualidade de vida sem educação, mas não será educação aquela que não se destinar a formar o sujeito histórico, crítico e criativo.”

(Pedro Demo)

## RESUMO

O presente estudo foi realizado no município de Abaetetuba do Estado do Pará, visando identificar as dificuldades encontradas no processo de Ensino-Aprendizagem referente a interpretação de textos escritos dos alunos do 6º ano Ensino Fundamental da Escola Professor Bernardino Pereira de Barros. Inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a importância da interpretação de textos escritos no Ensino Fundamental. Em um segundo momento realizou-se uma Pesquisa de campo, utilizando como instrumentos duas entrevistas aplicadas ao professor e aos alunos da turma do 6º ano da referida Escola. O questionário aplicado ao Professor encontra-se dividido em três etapas, que abordam questões relacionadas ao Ensino aprendizagem, no intuito de apontar as dificuldades que os docentes e discentes alegam enfrentar em seu cotidiano escolar, bem como a necessidade de uma reflexão por parte dos mesmos sobre o uso de metodologias inovadoras, como estratégia eficiente para que possam desenvolver um raciocínio para compreensão dos textos. O outro questionário utilizado nesta pesquisa foi direcionado aos alunos, com o objetivo de indagá-los sobre a aceitação da referida metodologia e as contribuições trazidas ao processo de Ensino/Aprendizagem ocasionadas pelo uso da mesma. Ainda como parte do processo de levantamento de dados, foram desenvolvidas com os alunos atividades de interpretação de textos relacionadas aos conteúdos já abordados neste ano letivo. As atividades foram realizadas em sala de aula. As análises dos resultados da Pesquisa estão informados nos Resultados e Discussões deste trabalho.

**Palavras-chave:** Ensino, Interpretação, Leitura, Textos.

## ABSTRACT

This study was conducted in the municipality of Abaetetuba Pará State, in order to identify the difficulties encountered in the process of teaching-learning regarding the interpretation of written texts of the students in the 6th grade Elementary School Teacher Bernardino Pereira de Barros. Initially we carried out a literature search on the Importance of the interpretation of texts written in Elementary Education. In a second step we carried out a field research, using as instruments two questionnaires applied to the Class Teacher and students of the 6th year of that school. The questionnaire administered to Professor is divided into three stages, which address issues related to teaching learning in order to point out the difficulties that teachers and students face in their daily claim school, as well as the need for reflection on the part of the same on the use of innovative methodologies, as effective strategy so that they can develop a rationale for understanding the texts. The other questionnaire used in this research was directed to students, in order to inquire them about the acceptance of this methodology and the contributions from the process of teaching / learning caused by the use of the same. As part of the process of data collection were developed with students activities interpretation of texts related to the content already covered this school year. The activities were carried out in the classroom. The analysis of the survey results are reported in the Results and Discussions of this work.

**Keywords:** Education, Interpretation, Reading, Texts.

## **OBJETIVO GERAL**

O intuito em centrar este estudo nas questões envolvidas aos conceitos de interpretação, de leitura (definição e processo) e de letramento, assim investigar quais os principais problemas enfrentados pelos alunos durante o processo de interpretação de textos escritos, ou seja, quais as dificuldades apresentadas que acabam por conturbar esse importante processo.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar quais as dificuldades de Interpretação de textos escritos que fazem parte do currículo escolar dos alunos na escola.
- Identificar quais as dificuldades para realização das atividades de leitura.
- Ressaltar a importância das atividades de interpretação e leitura para o aprendizado do aluno

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.0 MARCO TEÓRICO</b> .....	13
1.1 Dificuldade na aprendizagem da leitura .....	13
1.2 Transtorno de aprendizagem: A Dislexia .....	15
1.3 Pré- requisitos para aquisição da leitura e interpretação .....	18
1.4 Dificuldades na aprendizagem de interpretação: Estratégias .....	20
1.5 A leitura como fator de aprendizagem na sala de aula, superando as dificuldades. ....	22
1.6 A leitura em sala de aula .....	24
1.7 O incentivar da leitura em sala de aula .....	25
<b>2.0 METODOLOGIA</b> .....	30
2.1 Caracterização da pesquisa .....	30
<b>3.0 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA</b> .....	31
3.1 Atividades .....	31
3.2.1 Atividade 01: Texto em Quadrinhos .....	32
3.2.2 Atividade 02: Crônica narrativo-descritiva .....	32
3.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa .....	32
<b>4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	33
4.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa .....	33
4.1.1 Perfil do professor entrevistado .....	33
4.1.2 O perfil da turma onde a Pesquisa foi desenvolvida .....	33
4.2 Etapa 01 do questionário 1: Concepções sobre textos .....	33
3.3 Etapa 2 do questionário 1: Concepções de formação .....	35
4.4 Etapa 3 do questionário 1: Estratégias de ensino .....	36
4.5 Análise do questionário 02 aplicado aos alunos .....	38
4.6 Análise dos textos aplicado aos alunos do 6º ano da Escola Professor Bernardino Pereira de Barros .....	39
<b>6.0 CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>7.0 BIBLIOGRAFIA</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

A partir de várias discussões de ordem acadêmica durante o curso de Língua Portuguesa - Letras (PARFOR/2009) com relação ao processo de leitura no âmbito escolar, bem como a partir da difusão de vários estudos que abrangem o tema no meio comunicativo (como revistas, sites e artigos), é nítida a relevância do processo de leitura para a interação do sujeito no meio social.

Concebe-se assim, que a leitura é um processo muito importante na trajetória de qualquer aluno: “A partir do conhecimento de mundo e conhecimentos anteriores o leitor pode dialogar com o texto exprimindo sua opinião crítica, não se limitando a simples condição de receptor de um texto pronto e acabado” (COELHO & PEREIRA, s.n., p. 02). Dessa maneira, a leitura não se resume em apenas ler o que está escrito no texto, isto é, o que o autor escreveu, e sim requer um posicionamento crítico do leitor, em que ele reflita as ideias contidas no texto, muitas vezes “escondidas”.

Compreendemos o conceito de texto tal qual defendido por Koch (2003):

[...] uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-encunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 2003, p. 27)

Assim, o texto é compreendido como passível de variados sentidos, construídos a partir da multiplicidade de conhecimentos de natureza que o leitor apresenta e de estratégias sócio cognitivas utilizadas por este. Os sentidos, dessa maneira, não estão, explicitamente, presentes na superfície linguística do texto, mas são produzidos a partir de algumas sinalizações que este nos apresenta.

Segundo Fazenda (1991), ser leitor é mais que apenas encontrar respostas em um texto. Ser leitor é ir além do texto, é inseri-lo em seu próprio contexto, é perceber a mensagem que a leitura lhe traz e contextualizá-la. Assim, a interpretação é a capacidade de o leitor traçar um julgamento crítico no momento da leitura, ela pode ser ampliada com a reformulação de seus conceitos sobre o tema abordado mediante os conhecimentos de mundo; conseguindo, dessa maneira, extrair o sentido, retirar conclusões, fazer considerações, julgar, avaliar e fazer uma

nova leitura a partir das inferências realizadas. Concordando com tal ideia, Kleiman (2002) afirma:

[...] De fato, a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensamos que a compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte. (KLEIMAN, 2002, p. 10)

Chegar a este sentido de leitura nem sempre é fácil, havendo muitas dificuldades por parte dos alunos em interpretar os textos escritos. Na escola, essa aprendizagem fundamentada na leitura nem sempre ocorre, fazendo com que essa interação entre texto e leitor quase sempre seja impossibilitada, quando para a maioria desses alunos o sentido do texto escrito se mostra inteligível, isto é, a compreensão de um texto escrito parece ser amiúde um ato difícil. É neste viés que o presente estudo procurará responder quais as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de interação com o texto escrito. Kleiman (2002) traça as possíveis razões à dificuldade de se interpretar um texto escrito:

[...] porque o próprio objeto a ser compreendido é complexo, ou, alternativamente, porque não conseguimos relacionar o objeto a um todo maior que o torne coerente, ou, ainda, porque o objeto parece indistinto, com tantas e variadas dimensões que não sabemos por onde começar a apreendê-lo. (KLEIMAN, 2002, p. 10)

Durante várias vezes, os profissionais deparam-se com estas dificuldades presentes nos alunos, de maneira mais específica, com alunos do ensino fundamental. Apresentava-se um texto ao aluno e procurava-se que este discutisse o que entendeu do texto, as respostas obtidas eram quase sempre um enorme silêncio; quando não, os alunos, não conseguindo fazer inferências ou construções de significados, respondiam o que foi colocado pelo autor, ou seja, não faziam uma análise crítica sobre o que foi lido. Desse modo, o porquê de os alunos do 6º ano do ensino fundamental apresentam muitas dificuldades de aprendizagem na interpretação de textos escritos?

É dentro desta perspectiva que tal problemática é bastante visualizada nas escolas do município de Abaetetuba e, por essa razão, foi escolhida a turma do 6º ano da E.E.F.M. Prof. Bernardino Pereira de Barros para desenvolver esta pesquisa. Tal escola está situada à Rua Magno de Araújo, no município de Abaetetuba, e atende alunos nos três turnos. Possui uma ampla biblioteca com variados acervos.

O quadro de professores de Língua Portuguesa atua em todas as séries da escola, desde o 6º do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio.

Para se fazer o levantamento das dificuldades encontradas durante processo de interação entre os alunos do 6º ano da referida escola e o texto escrito, serão desenvolvidas com estes alunos atividades de Interpretação textual, a partir de variados tipos de texto, a saber: Histórias em Quadrinhos e Crônica narrativo-descritiva, em que os alunos serão instigados a interpretar, isto é, a atribuírem significados e posicionamentos diante do que é exposto no texto. Posteriormente, será feita a análise de tais interpretações a fim de saber se os alunos conseguiram, por exemplo, atribuir juízos de valor e significações às mensagens e captar as intencionalidades presentes em tais textos.

Vemos que tal temática é de extrema importância para o possível desenvolvimento de novos métodos ou processos que possam consolidar no aluno a capacidade de interpretar textos escritos, já que a partir da sondagem das principais dificuldades no processo de interpretação destes alunos, será possível encontrar o “x” do problema, isto é, as possíveis falhas dentro de um estágio de tal processo. Mas é preciso dizer de antemão que este não é o intuito deste trabalho, porém, acreditamos que este pode ser alvo de várias reflexões sobre o processo de interpretação.

Dessa maneira, o intuito em centrar este estudo nas questões envoltas aos conceitos de interpretação, de leitura (definição e processo) e de letramento surgiu com o interesse de investigar quais os principais problemas enfrentados pelos alunos durante o processo de interpretação de textos escritos, ou seja, quais as dificuldades apresentadas que acabam por conturbar esse importante processo.

## 1.0 MARCO TEÓRICO

### 1.1 Dificuldades na aprendizagem da leitura.

Para ler o cérebro opera vários circuitos ao mesmo tempo: os que armazenam o vocabulário, a gramática, o discurso e a interpretação e cada uma destas funções tem lugar certo no cérebro. Segundo Fonseca:

A leitura, um dos processos mais complexos da aprendizagem, compreende a discriminação visual de símbolos gráficos (grafemas) através de um processo de decodificação que se passa no segundo bloco, só possível com um processo de atenção seletiva regulado pelo primeiro bloco. Posteriormente, e ainda na mesma unidade, há que seleccionar e identificar os equivalentes auditivos (fonemas) através de um processo de análise e transdução, de síntese e comparação, a fim de edificar a busca da significação (conjectura) e avaliar os níveis de compreensão latentes. A partir daqui, surgirá uma nova operação de equivalência que compreende a codificação, ou seja, a rechamada dos articulemas que serão executados e verificados na área de Broca, isto é, no terceiro bloco. Dos motoneurônios superiores frontais, a linguagem interior se transformará em linguagem expressiva, através da oralidade, ou seja, da produção de sons articulados. (FONSECA, 1995, p. 165).

Todas essas funções caracterizam a aprendizagem da leitura. Um problema num desses blocos do processo de aprendizagem: 1º bloco (Cerebelo) – responsável pela atenção seletiva; 2º bloco (Lóbulo Parietal) – responsável pelo processo de decodificação ou 3º bloco (Lóbulo Frontal) – responsável pelo processo de codificação com certeza afetará a aprendizagem da leitura causando alguma dificuldade.

O ato de ler envolve três momentos distintos. Sendo o primeiro a decodificação, que é o processo inicial da leitura que envolve a discriminação dos símbolos escritos com o som – é a capacidade de transformar letras em sons (ler) e sons em letras (escrever), vinculadas ao processo de análise e síntese; a compreensão onde faz a relação entre a palavra decodificada e o seu significado; a análise crítica que provoca a reação do leitor que reage às idéias impressas, sempre partindo de referenciais internos. Esta reação pode ser emocional ou intelectual.

Para compreendermos devemos primeiro decodificar, mas a leitura somente será considerada se houver compreensão. Sem compreender, a criança perde a motivação e o interesse. Segundo Vygotsky:

Leitura como um ato de reconstrução dos processos de produção”. Para ele a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentido e predomina sobre o significado da palavra. As mudanças de sentido não atingem estabilidade do significado. As palavras adquirem sentido no contexto do discurso. Ao mudar de contexto, varia o sentido da palavra (VYGOTYSKY, 1996, p. 29)

“Ler é compreender”, diz Cagliari (1989) “(...), pois a leitura não se efetiva sem compreensão”.

Freire também se refere a uma compreensão crítica do ato de ler:

Que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa do mundo e se alonga na inteligência”. E vai além, “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1998, p. 47).

Pesquisadores apontam várias causas como responsáveis pelas dificuldades escolares: falta de estímulo adequado aos pré-requisitos necessários à alfabetização; métodos de ensino inadequados; problemas emocionais; falta de maturidade e dislexia.

Justificando a importância referente ao desenvolvimento das habilidades básicas, faz-se algumas citação as habilidades psicomotoras e de sua relação direta com a dificuldade apresentada segundo os autores Jose e Coelho:

Imagem Corporal: é o conhecimento adequado do corpo. A criança que não desenvolveu esta habilidade poderá apresentar problemas na orientação espacial e temporal, aquisição dos conceitos básicos, equilíbrio postural, dificuldades de locomoção ou escrita fora dos limites;

Noção de direito-esquerda: permite a distinção entre o lado direito e esquerdo em si, no outro e nos objetos. Se esta aquisição não estiver bem elaborada, a criança pode apresentar dificuldade na discriminação das letras que diferem quanto à posição espacial. Pode também apresentar a escrita espelhada ou sem respeitar o sentido da esquerda para a direita na leitura e escrita (JOSE e COELHO, 1991, p. 19).

Neste sentido, segundo Carvalho:

Pesquisas na área da psicologia e da psicolingüística afirmam de forma unânime que a leitura proficiente requer reconhecimento instantâneo de um todo que não é analisado. As palavras não são lidas letra por letra, sílaba por sílaba. A leitura de uma palavra por um leitor competente é feita de maneira ideográfica por reconhecimento ou adivinhação. (CARVALHO, 2005, p. 27).

De acordo com diversas pesquisas há um favorecimento ao método analítico-sintético que contempla tanto a decodificação como a compreensão. O método silábico (sintético), favorece a identificação das palavras, porém a leitura se apresenta lenta e silabada - o aluno apenas decodifica o que lê. O método global (analítico), favorece a compreensão, porém há uma dificuldade maior na identificação das palavras, especialmente as desconhecidas, o que acaba ocasionando a substituição de palavras por outras que a criança vai inventando.

## 1.2 Transtorno de aprendizagem: A Dislexia

A dislexia diz respeito a um transtorno caracterizado por uma dificuldade em reconhecer ou compreender as palavras escritas. É uma dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu automatismo. Acontece em crianças inteligentes, escolarizadas e sem quaisquer perturbações sensoriais e psíquicas. O educador não deve confundir a dislexia com preguiça ou indisciplina. As causas da dislexia são neurobiológicas e genéticas. Os disléxicos processam as informações em uma área diferente de seu cérebro.

Para entender melhor a dislexia, deve-se conhecer como funciona de uma maneira geral o nosso cérebro. Cada parte é responsável por uma função. A área esquerda é responsável pela linguagem. Uma parte processa os fonemas, outra analisa palavras e outra reconhece as palavras. Para que o indivíduo possa ler essas partes devem trabalhar juntas. Para ler, a criança deve reconhecer e processar os fonemas e relacionar as letras aos seus respectivos sons. À medida que essas habilidades vão se aprimorando outra função cerebral é ativada. É a memória que deve ser permanente, de longa duração, para que de forma imediata,

as palavras sejam reconhecidas. Quanto mais lemos, mais dominamos esse processo e mais fácil se torna essa aquisição.

O cérebro dos disléxicos não funciona dessa forma. Para ler, eles recorrem somente à área cerebral responsável pelo processamento dos fonemas. Apresentam dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, visto que a região responsável pela análise das palavras é inativa.

Quando tratada precocemente, há mais chances de se corrigir as falhas de conexão cerebral. Para o disléxico a leitura exige um grande esforço, pois cada palavra lida é como se fosse nova ou desconhecida. Assim, Considerada uma alteração da aprendizagem, de modo geral, existem dois tipos de dislexia: a dislexia de desenvolvimento e a dislexia adquirida.

A dislexia de desenvolvimento refere-se a alterações no aprendizado da leitura e escrita com origem institucional, ambiental, referente à forma de aprendizado escolar. Quando isso acontece, ocorre diminuição da capacidade de leitura e conseqüentemente dificuldade no aprendizado da leitura. Déficits cognitivos, fatores neurológicos, prematuridade, baixo peso ao nascer, influências genéticas e ambientais também são consideradas causas da dislexia para alguns autores.

Alguns sinais denunciam a existência de dislexia: dificuldade em assimilar o que o professor ensina; tendência a confundir as letras; dificuldade em rimar palavras; reconhecer letras e fonemas; dificuldade em ler palavras pequenas e simples; dificuldade em identificar fonemas; soletrar; ler em voz alta e memorizar palavras.

De acordo com várias pesquisas, crianças com dislexia apresentam alterações auditivas e visuais referentes à orientação espacial, que podem desorganizar o desenvolvimento de representações fonológicas e ortográficas que são essenciais para o aprendizado da leitura.

No que diz respeito à dislexia, não existe um só tratamento adequado para todas as pessoas. A maioria enfatiza a assimilação de fonemas, desenvolvimento do vocabulário, melhoria da compreensão e da fluência na leitura. É aconselhável a leitura em voz alta para que o mediador possa intervir. Os exercícios exigem muita atenção e repetição.

O aluno com dislêxia apresenta auto-estima baixa e falta de autoconfiança por se considerar menos inteligente que os demais colegas. O apoio da família, dos colegas e o entendimento dos profissionais que trabalham com esse aluno colaborarão de certa forma para elevar estes aspectos.

Sugestivamente a intervenção seria Um meio eficaz a estimulação de conversações grafema-fonema e da consciência fonológica (capacidade do sujeito pensar e refletir conscientemente sobre a própria linguagem, identificar e discriminar sons) em pré-leitores, visto que muitos estudos demonstram sua eficiência no aprendizado da leitura.

De acordo com a pesquisa realizada por Moraes:

A inclusão da consciência fonológica no processo de diagnóstico dos profissionais que trabalham com dificuldades de aprendizagem deveria ser primordial, no entanto já se passaram quase dez anos e muito pouco se ouviu falar no assunto e o que é mais sério, os professores, na sua maioria desconhecem o assunto. Dizem que até trabalham com rima, mas sem fundamentação nenhuma para um melhor desenvolvimento das atividades propostas (MORAES, 1997, p. 34).

Atualmente têm-se discutido muito sobre o melhor tratamento para sanar as dificuldades. Alguns autores defendem o estímulo das habilidades consideradas como pré-requisitos para o aprendizado da leitura, outros, baseando-se em pesquisas mais atuais concordam que a prática dos exercícios e atividades são muito boas para o desenvolvimento global do indivíduo, mas não interferem diretamente na aquisição da leitura. Sugerem, então, atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem, através do lúdico – jogos e brincadeiras – para que a criança sinta prazer em ler e escrever.

A família também deve contribuir para que a criança seja uma futura leitora. Desde cedo os pais devem contar histórias, brincar com rimas, estimular seus filhos. Jogos de rimas, jogos com letras e desenhos, leitura de rótulos e propagandas, ajudam no desenvolvimento da consciência fonológica.

### 1.3 Pré- requisitos para aquisição da leitura e interpretação.

O único requisito básico para a efetivação da leitura é ter acesso ao texto. Trabalhar com pré-requisitos como: desenvolvimento da lateralidade; estruturação espaço-temporal; seriação são muito bons para o desenvolvimento global, mas nada tem a ver com atividades específicas para desenvolver a habilidade da leitura, ainda, que são os materiais diversificados, ou indo além a atividade desenvolvida por trás destes materiais que possibilitarão uma boa introdução ao mundo da leitura.

De acordo com as pesquisas concordamos em parte com os pesquisadores que defendem a consciência fonológica, descartando o desenvolvimento das habilidades consideradas pré-requisitos da leitura.

Assim como é mais eficiente utilizar atividades tanto do método sintético como do método analítico, também consideramos interessante desenvolver as habilidades, pois uma vez que contribuem de alguma forma para o desenvolvimento da criança, não temos como descartá-las de nossas atividades.

Os exercícios de treinamento de habilidades específicas da leitura não deve ser uma soma de atividades desconectadas, devem ser bem fundamentadas tendo como pano de fundo uma teoria que se permita colocar em prática.

O que a escola acaba propondo em sua prática educativa é a leitura de textos fragmentados, palavras soltas, letras isoladas, isso sem contar a cobrança de uma leitura em voz alta de textos que nem sempre são de escolha dos alunos, ignorando seus desejos e iniciativas, buscando uma leitura com soletração perfeita, pronúncia correta e velocidade adequada, deixando em segundo plano a compreensão desta leitura.

Tudo isso está muito distante do que a teoria propõe. A prática tem se distanciado da teoria. A mesma avançou e começou a questionar a prática que reluta em permanecer da mesma forma como iniciou.

Extensa bibliografia descreve as melhores maneiras de se ensinar a ler, mas isso não significa que existe uma única e melhor maneira. Algumas atitudes são compartilhadas por diversos autores que concordam que é melhor praticar a leitura em sua globalidade significativa do que decompor em partes os exercícios práticos.

A partir do que os alunos sabem, a aprendizagem deve ser reconstruída em cima dos conceitos que os alunos já possuem à respeito da leitura e escrita. Para

isso é necessário que o educador avalie os conhecimentos prévios, planejando suas atividades a partir do que cada aluno trouxe em sua bagagem.

Kato (2000) aborda alguns pré-requisitos para a alfabetização e que devem ser considerados como pontos de partida para o ensino da leitura:

Desempenho Lingüístico: a criança deve possuir um desempenho oral normal adequado à sua idade.

Diferenciação da Linguagem: capacidade que a criança tem de distinguir diferentes sistemas de signos (desenho, figura, letra, número...).

Consciência da Natureza Simbólica da Escrita: a capacidade de reconhecer que a escrita é simbólica e não icônica, já que a maioria das crianças só aceita algo como escrita se houver variedade, linearidade e multiplicidade de signos. Em geral o monossílabo é rejeitado pela criança como exemplo de escrita.

Análise Segmental: a escrita é uma representação da fala. É a capacidade para aprender sons como unidades abstratas – a nível silábico e fonológico.

Autonomia da Escrita: capacidade de reconhecer os diversos tipos de leitura (leitura oral, silenciosa, segmentada).

Discriminação Visual: capacidade de distinguir as diferentes letras do sistema ortográfico e dentro de um texto os sistemas gráficos distintos, como letras, números e sinais de pontuação (KATO, 2000, p. 58).

Diversos autores sugerem o desenvolvimento de algumas habilidades, ora sintetizadas, ora descritas em partes separando a leitura da pré e pós-leitura. A análise crítica de um texto é o nível mais elevado que o leitor proficiente pode chegar. Antes disso viria a compreensão e antes da compreensão a decodificação.

De acordo com Paulo Freire(1998) e concordando com ele teríamos mais uma etapa no processo do ensino da leitura: a análise crítica. Este seria o objetivo final e crucial do ato de ler. Não pode-se simplesmente compreender. Deve-se saber selecionar as partes importantes destacando a idéia principal, resumir, entender os conceitos e adaptá-los conforme a análise pessoal e crítica.

Falhas em um destes níveis poderia acarretar dificuldades nos níveis subseqüentes. Ou ainda, as dificuldades de leitura podem ter origem na impossibilidade de se adquirir uma dessas habilidades.

A atenção seletiva é o nível mais básico e talvez o mais importante. Se aumentarmos as possibilidades de um melhor desenvolvimento dessa habilidade através de estímulos distintos devidamente identificados; legendas verbais; auto-

instrução; inovações; alterações e surpresas na apresentação das atividades, provavelmente estaria-se oferecendo uma boa base para nossos alunos.

Como ve-se não é difícil se utilizar habilidades bem desenvolvidas para se fundamentar melhor o desenvolvimento da capacidade de ler. Um pouco de boa vontade e dedicação conseguir-se-á bons frutos.

#### 1.4 Dificuldades na aprendizagem de interpretação: Estratégias

A motivação apresenta-se como fator importante para a interpretação, pois a leitura envolve curiosidade e abertura a novos conhecimentos e informações. Os alunos lêem normalmente para as provas e estas leituras são sempre escolhidas pelo professor. Assim, ler é uma prática básica, essencial para aprender. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da Informática. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação em aprender. O hábito de ler é decorrente do exercício e nem sempre constitui-se um ato prazeroso, porém, sempre necessário. Por este motivo, deve-se recorrer a estímulos para introduzir o hábito de leitura em nossos alunos.

Interpretar diversos textos é uma questão que deve ser proposta da escola como um todo e envolve todas as disciplinas – é necessário ler em qualquer matéria, não sendo especificidade da disciplina de língua portuguesa.

Os educadores devem promover a utilização de estratégias que lhes permitam a interpretação e compreensão de textos de forma mais autônoma possível, sempre tendo cuidado com situações descontextualizadas – as famosas “receitas”, pois nem sempre o que é positivo para um aluno pode o ser para outro. Nem sempre o que funciona com um grupo, funciona com outro.

Estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos (...) não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação (...) são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. (SOLÉ, 1996, p.69).

Estratégia requer objetivo e autocontrole no sentido de que se avalie e supervisione a busca destes objetivos, modificando a ação se for necessário. Analisar os problemas que surgem, encontrar as soluções para os mesmos de forma flexível caracteriza a mentalidade estratégica.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. O leitor é um sujeito ativo que processa e examina os textos conforme a finalidade pré-estabelecida, guiando-se sempre por um objetivo. À medida que lê, o leitor constrói o seu próprio significado do texto.

Para compreender-se o que se lê, os objetivos e as intenções são fatores determinantes. Na busca da compreensão controla-se a leitura parando de ler quando não está havendo entendimento e reinicia-la a fim de desfazer os obstáculos encontrados. Esta é uma estratégia que a leitura em voz alta com o objetivo de verificar se o aluno lê bem, fica possível de ser utilizada. Sendo uma forma de controle da leitura.

A motivação para a leitura deve ser despertada, o entusiasmo que o educador apresenta ao focar as leituras contribuirá para o interesse do aluno. É necessário também que esse interesse seja mantido ao longo da leitura, evitando atividades repetitivas, textos conhecidos ou sem variação, cuidados para que a prática da leitura em voz alta tenha um real significado.

Para promover um contato mais intenso com a literatura escolhida, o professor deve desenvolver nos conteúdos as experiências que o livro escolhido poderá apresentar. Por exemplo, se o tema do livro é o medo, o professor pode explorar as situações que provocam medo nos alunos. Pode perguntar o que eles fazem para espantar seus medos; discutir o medo de cada um e buscar alternativas para superá-los. Outra boa alternativa é dramatizar os medos.

Hoje encontramos na literatura excelentes obras que tratam de temas específicos para desenvolver um bom trabalho com as crianças. Cabe ao educador buscar essas obras, ler e desenvolver seu trabalho. Devemos ter cuidado também com a seleção das obras, para que todos possam expressar seus desejos e respeitar o gosto dos outros.

Algumas crianças não gostam dos contos de fadas e acabam por dar preferência a leitura de gibis. O professor deve respeitar o gosto da criança e aos poucos mostrar o quanto é legal ler esses contos. Por isso a leitura não deve se

restringir ao material didático ou aos livros de conto. Quanto mais variada for a forma de se apresentar os textos às crianças, melhor leitora ela se tornará.

**LER PARA ESTUDAR:** com certeza é o tipo de leitura mais cobrado pelos professores. É cobrado, mas não é ensinado. O educador cita os pontos, marca o início e o fim das páginas a serem estudadas, mas não ensina ao aluno como fazê-lo.

Ao contrário dos livros de literatura, os livros didáticos são pouco atraentes, com muito conteúdo e pouca ilustração. Geralmente é tudo novo, sem sentido, desconectado da intensa vida das crianças e adolescentes. Para se alcançar os objetivos é necessário ler e reler trechos, resumir, elaborar esquemas e sínteses na tentativa de facilitar o entendimento. Para que se obtenha sucesso nessa meta tão árdua, o educador tem que ser um facilitador do caminho que o aluno tem por desbravar.

O educador deve sugerir alguns temas para estudo para que os alunos possam escolher e não trazer um tema pronto porque tem que cumprir seus planos de estudo ou porque é conteúdo de determinada série; diagnosticar os conhecimentos prévios que o aluno possui sobre o tema; realizar uma pesquisa prévia selecionando e organizando as melhores fontes para a pesquisa; realizar uma leitura compartilhada acerca do assunto e nesse momento convidar os alunos para que leiam em voz alta; instigar sempre o aprofundamento dos estudos com perguntas ou estabelecendo relações com outros materiais como filmes, mapas, pinturas, ou relacionando com outras disciplinas, buscando a interdisciplinaridade; preparar o aluno para elaborar resumos, sínteses, apresentar os trabalhos através de seminários, palestras, exposições, etc.

1.5 A leitura como fator de aprendizagem na sala de aula, superando as dificuldades.

Os professores devem estimular a leitura na sala de aula de uma forma que os alunos leiam por prazer e não por obrigação. Para tanto, o educador precisa ver que tipo de leitura apraz ao aprendiz.

Hoje em dia, dado o papel fundamental da escola e da escolarização no letramento, na aprendizagem e no letramento, na aprendizagem e no desenvolvimento da criança, ninguém admite que o professor, figura central nessa escola, não tem aí um papel a assumir. Entretanto, esse papel se reduz muitas vezes ao de fornecedor de estímulos para a eliciação de automatismos, dentro das mais pobres das concepções behavioristas. (KLEIMAN, 2008, p. 8)

Para ensinar a leitura, o educador de língua portuguesa não deve impor uma leitura única, ou melhor, a sua leitura, como a única leitura do texto.

Ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela prever o conteúdo, maior será sua compreensão: é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perde o seu fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento (...). Isso implica em ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência. (KLEIMAN, 2008, p. 151)

As estratégias de leitura provêm a interação entre o leitor e o autor através do texto. É importante que o professor facilite essa interação e promova autonomia no aprendiz para que ele possa andar sozinho quando o educador não estiver presente.

Se o profissional apresenta um comportamento tradicional, em que o aluno não lê com interação, mas só faz receber informação no ato da leitura, não vai ocorrer inferências nem integração com o autor do texto. Existe apenas a identificação do que é óbvio e o estabelecimento de correspondências formais.

Kleiman (2008, p. 152) ressalta que esse tipo de leitura provoca um comportamento passivo no aluno por ser uma atividade operacional. Ele não consegue desvendar o implícito. Só apresenta o que está evidente. Dessa forma, o papel do educador é ensinar o aluno a ler, a desvendar o implícito, a fazer questionamentos sobre o texto, a interagir com o autor.

Segundo Koch e (2007), o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, que, se constituem nele com diálogos, e são constituídos. Assim, formam-se o autor e o leitor do texto. A leitura, com o foco no autor, é considerada como uma atividade de captação das ideias do autor, sem considerar as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo-interacionalmente. O leitor só faz apenas captar as intenções.

A leitura, com o foco no texto, é uma atividade que exige do leitor uma atividade de reconhecimento e de reprodução. Nessa linearidade do texto, “tudo está dito no dito”. Nesse foco, cabe ao leitor reconhecer o sentido das palavras e estrutura do texto.

Com o foco na interação autor-texto-leitor, a leitura apresenta uma concepção interacional (dialógica) da língua. Os sujeitos são vistos como atores, sujeitos ativos que se constituem dialogicamente e constroem-se no texto, considerado o lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Nesse contexto, o sentido é construído na interação entre o texto e os sujeitos (o autor e o leitor). Koch afirma que o sentido “se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização”.

#### 1.6 A leitura em sala de aula

A leitura é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida desde cedo e treinada em várias formas. Lê-se para entender e conhecer, para sonhar, viajar na imaginação, por prazer ou curiosidade; Lê-se para questionar e resolver problemas. O indivíduo que lê participa de forma efetiva na construção e reconstrução da sociedade e de si mesmo, enquanto ser humano na sua totalidade.

Na sociedade moderna grande parte das atividades intelectuais e profissionais gira em torno da língua escrita. Ter o domínio da habilidade de leitura proficiente garante o exercício de cidadania, o acesso aos bens culturais e a inclusão social. A leitura possui um caráter formativo e instrumental, isto é, ela serve para nos aprimorarmos quanto pessoas e serve também para aprimorarmos o nosso desempenho em inúmeras atividades que realizamos em nossa vida social, acadêmica e profissional. Através da leitura testamos os nossos valores e experiências com as dos outros. No final de cada livro, ficamos enriquecidos com novas experiências, novas idéias, novas pessoas. Eventualmente, conheceremos melhor o mundo e um pouco melhor de nós próprios.

Os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e por vezes, complicados; partilham sentimentos e pensamentos, feitos e interesses; colocam-

nos em outros tempos, outros lugares, outras culturas; apresentam-nos em situações e dilemas que nós nunca imaginaria encontrar. Os livros ajudam-nos a sonhar, fazem-nos pensar. Nada desenvolve mais a capacidade verbal, do que a leitura de livros. Na escola aprende-se gramática e vocabulário. Contudo, essa aprendizagem em nada é comparada com o que se pode absorver de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros.

Porém, sabe-se que no Brasil há uma grande deficiência em relação à leitura, por motivos culturais ou econômicos. Há falta de acesso a bibliotecas e instrumentos de informação. Sendo assim, os brasileiros lêem pouco e os nossos alunos, geralmente, só desempenham leituras pedidas pelo professor e porque sabem que se não as fizerem terão um reflexo negativo em seu processo avaliativo.

### 1.7 O incentivar da leitura em sala de aula

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, a sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições para que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças criam sua própria história. Portanto, a conquista do leitor se dá-se através da relação prazerosa com o livro desde sua infância, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

Ouvindo histórias pode-se sentir também emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar. A literatura infantil como arte a ser desenvolvida na sala de aula deve ocorrer em nível de sensibilidade e emoção, como expressão de sentimentos, como exercício contínuo de descoberta, aguçando a curiosidade, abrindo espaço para fluir o pensamento divergente, onde não existe o certo e o errado ou simplesmente resposta única.

É importante refletir ainda que enquanto a criança não consegue ativar o discurso do conto, por não saber ler, cabe ao professor a responsabilidade de provocar essa interação discursiva mediada pela narração do conto. É preciso propor atividades que envolvam contos de fadas porque estes formam parte da nossa cultura, propiciam a magia do encanto, tendo o cuidado para não infantilizar a linguagem das crianças. Piaget e Vygotsky concordam quanto ao fato de que o pensamento da criança é qualitativamente diferente do pensamento do adulto, mas abordam de formas diferentes as questões relativas ao seu desenvolvimento, à função simbólica, à relação pensamento e linguagem, à função do aprendizado escolar, e também a situar de um modo geral essas diferenças no período que abrange o atendimento pré-escolar e que pode contribuir para a discussão sobre a construção do conhecimento nessa fase.

Para Piaget (1973), educar é adaptar o indivíduo ao meio social ambiente. O objetivo principal do aprendizado e da educação escolar, segundo ele, é encontrar meios e métodos convenientes para ajudar as crianças a superar suas dificuldades que surgem na vida escolar. Já para Vygotsky (1988), o desenvolvimento é discutido, tendo como principal o fato de que a elaboração dos sistemas simbólicos leva a uma permanente reestruturação da atividade mental dos homens no decorrer do processo histórico e social. Dessa forma, a boa aprendizagem é aquela que promove e se adianta ao desenvolvimento da criança.

Ainda destaca-se a leitura compartilhada que tem sido uma das estratégias mais eficientes para favorecer o processo de aprendizagem da leitura em sala de aula, para aproximar os alunos do mundo letrado, mesmo quando ainda não sabem ler. Ela contribui para ampliar a visão do mundo, estimular o desejo de outras leituras, e ainda, exercitar a fantasia e a imaginação, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, compreender a relação fala/escrita, desenvolver estratégias de leitura, ampliar a familiaridade com os textos, desenvolver a capacidade de aprender, ampliar o repertório textual e de conteúdos para produção de seus próprios textos, conhecer as especificidades dos diferentes tipos de texto e favorecer a aprendizagem das convenções de escrita.

Para experimentá-la não é preciso ler por si mesmo. É possível ler “através” do professor. Portanto, na rotina da sala de aula, seja qual for à idade dos alunos, é fundamental que sejam garantidos momentos diários de leitura pelo professor e

pelos alunos. Para efetivar as boas-vindas ao mundo letrado na escola, é importante que o professor tenha uma relação favorável com a leitura e a escrita. Assim, ele certamente terá mais chances de trazer seus alunos para este universo, pois funcionará como modelo de referência para ele. Portanto, colocar o aluno em contato sistemático com o papel de leitor e escritor, compartilhando a multiplicidade de propósitos que a leitura e a escrita possuem: ler por prazer, para se divertir, buscar alguma informação específica, compartilhar emoções com os outros, contar o que leu, recomendá-las aos outros. Além disso, escrever para expressar suas idéias, para organizar os pensamentos, para aprender mais, para registrar e conservar como memória, para informar, para expressar sentimentos, para se comunicar à distância, para influenciar os outros.

Escrever e ler são duas atividades de alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente, ensinar a ler e escrever letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Finalmente a escola deve dar a chance ao aluno de ler segundo sua variedade de língua e não abrigá-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola.

Atualmente, os livros editados com destino a um público leitor de crianças e jovens apresentam tanto uma imensa diversidade temática quanto uma expressiva variedade de gêneros textuais. Sabe-se que quanto mais os leitores iniciantes, tiverem contato com diferentes suportes de leitura e com variados gêneros e modalidades textuais que circulam socialmente, mais aptos estarão para a leitura do mundo e da palavra e para o efetivo exercício da cidadania. “O melhor professor não é o mais eloquente, mas o que mais instiga e estimula a inteligência”. ( Augusto Cury, 1958).

Um exemplo bem sucedido de adaptação de um clássico, de Shakespeare, é realizado por Ana Maria Machado, no texto dramático “Sonho de uma noite de verão”. A escritora brasileira adapta a peça do escritor inglês, transformando-a numa narrativa de leitura mais fácil e prazerosa para o leitor em formação, sem ferir o texto original. Outro tipo de publicação são os livros de imagem, em que a história é contada por meio de ilustrações. Esses livros proporcionam o exercício de nossa capacidade de imaginar e de realizar associações e inferências. A leitura do não verbal nos dá a oportunidade de desenvolver atividades orais e escritas a partir do texto não verbal, reproduzindo-o e recriando-o a partir de outras linguagens. São

exemplos de livros de imagem “O último broto”, de Rogério Borges, “A bela e a fera”, de Rui de Oliveira e “O palhaço”, de Quentin Blake, muitos outros. Nos últimos anos vêm crescendo em número, ainda que ultimamente, as publicações de textos teatrais para o público infantil e juvenil.

Outro tipo de publicação que é oferecido, principalmente para as crianças menores, são os “livros-jogo” ou “livros-brinquedo”. Neles, sua própria materialidade interfere no texto escrito e no texto não verbal (as ilustrações). Os mais comuns são os que trabalham com a engenharia de papel, que faz as personagens e ou elementos do cenário das histórias saltarem da página, divertindo e surpreendendo o leitor. É bastante comum nesse tipo de publicação que a história seja um pretexto para a introdução da brincadeira, o que, em absoluto, não compromete a qualidade da obra, que reside principalmente no projeto gráfico.

Hoje, constatamos que a literatura produzida para crianças e jovens conta com uma diversidade de matizes narrativos e com uma imensa variedade de gêneros e temas em suas publicações. Essa riqueza, sem dúvida, atende às necessidades de um público que tem gostos, interesses e demandas diferentes e que precisa ser conquistado para a leitura da palavra, num mundo de predomínio da imagem e do visual. É necessário perceber que há livros bons e ruins para todos, mas nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação.

Podemos começar a pensar que as leituras são diferentes e não piores ou melhores, pois muitos especialistas na área refletem sobre as condições precárias de formação e de atuação de professores para que eles - usuários ou não de livros didáticos – se tornam leitores parceiros dos alunos.

O trabalho aqui apresentado procurou mostrar a importância da leitura para prazer pela leitura, e que a forma de como está organizado o sistema de ensino, é que leva em muitos casos o desestímulo do aluno, pois o que se ensina, muitas vezes não condiz com sua realidade. E o que é mais preocupante é que esse aluno venha a fracassar em sua aprendizagem. Nesse sentido, o que os alunos trazem de conhecimento deve ser aproveitado e valorizado para o aperfeiçoamento deste conhecimento e o que o aluno possui deverá ser valorizado, conseqüentemente sua produção e aprendizagem em sala melhorarão e por conseqüência este aluno não irá fracassar, pois, valorizar o que o aluno sabe é olhar para esta criança como um sujeito de direito construído historicamente. Felizes são as pessoas que pensam e

concordam com Paulo Freire que diz “A boa leitura é aquela que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver”. Além dele, outros autores como Paulo Freire, Emilia Ferreiro e Ana Arlinda de Oliveira vem mostrando que a leitura possibilita a inserção no meio social em que vivemos, uma vez que quando praticamos a leitura, passamos a ter argumentos para falar com propriedade e conhecimento de causa sobre o assunto que poderá ser abordado dentro do meio social.

É evidente o quanto a leitura é um instrumento útil e necessário para o resgate de uma boa aprendizagem, levando o aluno a perceber o quanto a escola é um ambiente agradável e significativo, desde que desenvolva as leituras variadas de acordo com o cotidiano do aluno, abrindo espaço para que o mesmo busque a construção de novos conhecimentos e torne-se sujeito transformador, crítico e capaz de enfrentar os desafios que a vida lhe oferece.

## 2.0 METODOLOGIA

Uma vez definido o local, foi realizada uma pesquisa qualitativa. A mesma foi realizada em caráter exploratório, onde os entrevistados puderam pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Desse modo emergiu-se aspectos subjetivos, atingindo motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea.

### 2.1 Caracterização da pesquisa

A Pesquisa foi realizada com 35 alunos do 6º ano compondo 01 turma do Ensino Fundamental.

Para obtenção dos dados elencou-se como instrumentos desta Pesquisa duas entrevistas, aplicadas um aos professores e outro aos alunos do 6ª ano da Escola Bernardino Pereira de Barros. A entrevista aplicada aos Professores é composta por perguntas fechadas e abertas. Apresentando um total de 09 perguntas agrupadas em três categorias: a primeira categoria aborda as concepções sobre interpretação de textos, a segunda as concepções de Formação e a terceira categoria indaga sobre Estratégia de Ensino.

Também foram selecionadas e aplicadas uma atividade de leitura e interpretação de textos com base na série e conteúdos trabalhados pelos Professores. As atividades aplicadas foram extraídas do conteúdo programático, os textos foram aplicados em sala de aula e utilizou-se uma metodologia de fácil obtenção.

Na turma foi previamente feito um momento de conceituação de textos e interpretação para execução da atividade, após a realização dos mesmos, foi aplicado a entrevista 2 direcionado aos alunos, e composto por questões objetivas e subjetivas, que investigam sobre o interesse dos mesmos em relação as atividades de interpretação e leitura de textos, bem como a contribuição dessas atividades no processo de Ensino/Aprendizagem.

### **3.0 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA**

Os dados para o desenvolvimento deste trabalho foram coletados na Escola Professor Bernardino Pereira de Barros que pertence à rede pública Estadual de ensino e está localizada na zona urbana da cidade de Abaetetuba-PA. A referida escola possui cerca de 1400 alunos.

Ressalta-se ainda, que a mesma atende alunos com necessidades especiais, com projetos que são desenvolvidos na sala multifuncional, ainda dispõem de intérpretes nas aulas regulares.

#### **3.1 Atividades**

Foram selecionados e aplicadas dois gêneros textuais antes selecionados pelo professor da turma, sendo um em quadrinhos e o outro em Crônica narrativo-descritiva, de acordo com o conteúdo já trabalhado pelo Professor na turma.

As experiências foram divididas em etapas relacionadas com os fenômenos a serem demonstrados, seguindo a sequência didática que nos pareceu mais coerente. A apresentação de cada uma dessas etapas foi organizada, em linhas gerais, com a seguinte estrutura: ao iniciar a atividade, procurou-se saber dos alunos o conhecimento prévio sobre os conteúdos relacionados a atividade, aproveitando para lembrar conceitos e significados. Em seguida os textos foram apresentados, e alguns questionamentos e indagações foram levantadas, a leitura e interpretação foi realizada pelos alunos de forma simultânea, e nesse período os alunos foram estimulados a levantar hipóteses e chegar a conclusões sobre os resultados das interpretações. Posteriormente os resultados foram discutidos e alguns questionamentos foram deixados para serem discutidos nas próximas aulas com o Professor da turma, oferecendo assim mais tempo para análise e formação de ideias por parte dos alunos a respeito dos resultados das atividades.

### 3.2.1 Atividade 01: Texto em Quadrinhos

História em quadrinhos: é um gênero narrativo que consiste em enredos contados em pequenos quadros através de diálogos diretos entre seus personagens, gerando uma espécie de conversação.

O título: Sacou?!

O número de alunos que participaram da atividade 01 foi de 32 alunos.

Objetivos:

Identificar, observar, registrar e comunicar algumas características que fazem parte do processo da Interpretação e leitura de textos em quadrinhos.

Material utilizado

Xerox do texto, quadro magnético.

Procedimento

Foi apresentado o texto aos alunos e posteriormente os mesmos realizaram as atividades de leitura e interpretação.

3.2.2 Atividade 02: Crônica narrativo-descritiva: Apresenta alternância entre os momentos narrativos e manifestos descritivos.

O número de alunos que participaram da atividade 02 foi de 32 alunos.

Identificar, observar, registrar e comunicar algumas características que fazem parte do processo da Interpretação e leitura de textos em quadrinhos.

Material utilizado

Xerox do texto, quadro magnético.

Procedimento

Foi apresentado o texto aos alunos e posteriormente os mesmos realizaram as atividades de leitura e interpretação.

### 3.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.

De modo a facilitar o discorrer da escrita e leitura da análise do texto, adotou-se os seguintes códigos para o Docente sujeito da pesquisa: D1. Aos alunos

foi utilizado como código A, sendo numerado de acordo com o número do diário do professor.

## **4.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa**

A partir da atividade 01, aplicado ao Professor entrevistado, foram levantadas informações que possibilitaram traçar o perfil do sujeitos da Pesquisa. Como descrito abaixo:

#### **4.1.1 Perfil do professor entrevistado.**

A partir das informações obtidas percebe-se que o referido professor que participou da pesquisa possui como formação o nível superior em Língua Portuguesa. O mesmo já trabalha com o ensino fundamental há no mínimo 13 anos no município, compondo o quadro de profissionais da escola Bernardino Pereira de Barros. O professor é responsável por ministrar a disciplina que compõe a grade curricular de da turma, ou seja, o mesmo ministra o componentes curricular necessário a série.

#### **4.1.2 O perfil da turma onde a Pesquisa foi desenvolvida.**

Os alunos envolvidos na pesquisa possuem uma faixa etária entre doze a treze anos, eles compõem a turma do 6º ano. Cerca de setenta por cento da turma envolvida na pesquisa é formada por alunos do sexo masculino. A maioria desses alunos vem de famílias de baixa renda e com problemas de estrutura familiar. A Escola atende alunos de vários bairros da sede da cidade e da zona.

### **4.2 Etapa 01 do questionário 1: Concepções sobre textos**

Nesta etapa buscou-se indagar sobre o entendimento do professor quanto à importância deste componente curricular neste nível de Ensino, bem como sua

opinião quanto ao interesse dos alunos em relação aos conteúdos desta disciplina. As entrevistadas responderam em unanimidade a sua importância nesta fase da educação, apresentando justificativas como:

A presença do ensino a partir de textos nesta etapa do ensino torna-se importante a medida que os conteúdos aplicados possam ter efeito realísticos, ou seja, o aluno é levado a perceber fatos do seu cotidiano por meio de teorias e práticas a partir de experiências realizadas por ele. No entanto, sabe-se que muitas metodologias hoje promovidas nas aulas não propiciam tal efeito. Ressalta-se que uma das dificuldades enfrentadas pelos docentes é a falta de interesse por parte dos alunos. Muitas vezes a própria escola não apresenta um ambiente propício a prática dessas atividades, pois apresentam um mínimo de recursos didáticos que poderiam estimular mais esses alunos (Professor informante -D1)

Referente a essa questão, o D1 diz:

“A leitura e interpretação de textos nessa fase da aprendizagem é importante no currículo do aluno, pois percebe-se que os conteúdos abordados fazem parte do cotidiano do seu cotidiano. Neste sentido, os mesmos deveriam participar efetivamente das aulas. No entanto por uma série de dificuldades os mesmos apresentam uma deficiência considerável”.

Esse argumento mostra que apesar do conhecimento da importância do trabalho com textos, o professor encontra diversos obstáculos para realizar uma metodologia dinâmica e com maior eficiência. Observe o que diz o autor a importância do texto Segundo Koch:

o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, que, se constituem nele com diálogos, e são constituídos. Assim, formam-se o autor e o leitor do texto. A leitura, com o foco no autor, é considerada como uma atividade de captação das ideias do autor, sem considerar as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo-interacionalmente. O leitor só faz apenas captar as intenções (KOCH, 2007).

Estudos referentes às dificuldades encontradas na interpretação e leitura de textos no ensino vêm crescendo ao longo dos anos, num objetivo de substituição de aulas verbais, e da grande maioria dos livros didáticos, por atividades dinâmicas e prazerosas, devido fundamentalmente às críticas ao ensino tradicional, onde o discente é frequentemente tratado como um simples ouvinte das informações que lhe são transmitidas através do professor. E essas informações nem sempre se

relacionam com os conhecimentos adquiridos pelos estudantes durante sua vida cotidiana.

Quando perguntados se é possível haver relação do aprendido na escola com o cotidiano dos alunos no que se refere aos textos? De que forma? O entrevistado afirma que sim através das falas. Segundo o D1:

Os conteúdos ensinados na escola precisam ter relação com a realidade do aluno, assim, terão mais sentido para os mesmos. Ressalta-se, ainda, que todo o planejamento para as aulas sejam feitas levando em consideração o ambiente em que o aluno está inserido.

Observa-se que o entrevistado acredita que o ensino pode ser facilitado por meio do estabelecimento de relações entre o que se vê e o que se pretende ensinar na escola. Acredita-se que tendo facilitadores para o estudo de textos, significa uma aprendizagem melhor. Como diz o autor Augusto Cury:

Atualmente, os livros editados com destino a um público leitor de crianças e jovens apresentam tanto uma imensa diversidade temática quanto uma expressiva variedade de gêneros textuais. Sabe-se que quanto mais os leitores iniciantes, tiverem contato com diferentes suportes de leitura e com variados gêneros e modalidades textuais que circulam socialmente, mais aptos estarão para a leitura do mundo e da palavra e para o efetivo exercício da cidadania. “O melhor professor não é o mais eloquente, mas o que mais instiga e estimula a inteligência”. (CURY, 1958).

Percebe-se que a criança, ao ser envolvida em contextos de problematização e de interação, usa e modifica suas ideias/linguagem à medida que faz tentativas de explicação das situações, assim como quando ela aprende a falar: ela identifica e nomeia, naturalmente, o que existe em seu mundo. Por exemplo, ao dizer “é plástico” ou “é vidro”, ela reconhece propriedades típicas de cada material. Entendemos que a escola deve dar continuidade a essa aprendizagem, desafiando e auxiliando a criança na exploração de seus contextos, em busca de novas compreensões.

#### 4.3 Etapa 2 do questionário 1: Concepções de formação

Nesta etapa, avaliou-se os conhecimentos adquiridos/construídos na Universidade. Estas são as respostas do entrevistado: Ao ser indagado com a pergunta “A respeito da sua formação enquanto professor, qual sua opinião sobre os

conhecimentos adquiridos/construídos na universidade para atuação na área de Letras?”

Sobre essa problemática Longhini (2008), ao relatar uma pesquisa sua faz o seguinte comentário:

As dificuldades em relação a este conhecimento se mostraram presentes nos momentos de elaboração das atividades a serem abordadas nas aulas, ocasião em que elas próprias buscavam aprender o que não sabiam para poderem ensinar (p. 246).

Quando perguntados sobre o hábito de atualizar seus conhecimentos e as possíveis fontes utilizadas por eles. Logo o que se viu é que os docentes possuem habilitação específica na área de Letras e pós-graduação. Desse modo, o mesmo apresenta conhecimentos para dinamizar suas aulas, justificando a formação para a coerência em ministrar os conteúdos.

#### 4.4 Etapa 3 do questionário 1: Estratégias de ensino

Nesta categoria voltada para estratégias de Ensino, entre as questões abordadas está a pergunta a seguir: “Quais as estratégias de ensino que você utiliza quando trabalha com o ensino de textos?”. Abaixo algumas das falas do Professor entrevistado.

Segundo o D1: As estratégias usadas para a elaboração das aulas seguem um padrão estabelecido junto à coordenação da escola. No entanto, as dificuldades que surgem no andamento das aulas, mostram a dificuldade para manter essa coordenação na aplicação das aulas.

Você trabalha a interpretação de textos com seus alunos? Com que frequência? Abaixo segue algumas falas:

Segundo o D1: É difícil estabelecer uma aula com interpretação de textos na sala de aula, pois os pré-requisitos que temos para usufruir de tal metodologia são poucos para que a aula seja de fato abordada num patamar satisfatório.

Analisando os resultados encontrados nesta questão, verifica-se que os docentes alegam que a falta de recursos pedagógicos para fazer parte da aula ainda é um problema evidente na docência.

Diversos autores sugerem o desenvolvimento de algumas habilidades, ora sintetizadas, ora descritas em partes separando a leitura da pré e pós-leitura. A

análise crítica de um texto é o nível mais elevado que o leitor proficiente pode chegar. Antes disso viria a compreensão e antes da compreensão a decodificação.

De acordo com Paulo Freire e concordando com ele teríamos mais uma etapa no processo do ensino da leitura: a análise crítica. Este seria o objetivo final e crucial do ato de ler. Não pode-se simplesmente compreender. Deve-se saber selecionar as partes importantes destacando a idéia principal, resumir, entender os conceitos e adaptá-los conforme a análise pessoal e crítica.

Ainda nessa categoria foram abordadas questões relacionadas aos interesses dos alunos nas atividades. Abaixo estão listadas algumas das falas do Professor em resposta a pergunta: “Como os alunos reagem em relação às atividades em sala de aula? Quais são os resultados que você obtém?”

Segundo o D1, os alunos respondem com dificuldades as aulas dadas, onde há possibilidade de desenvolvimento. Os mesmos participam das aulas, no entanto, não há um rendimento satisfatório. O professor destaca que não há muito envolvimento dos alunos nas aulas, e que os mesmos participam sem entusiasmo.

Os docentes que realizam as aulas de língua portuguesa apresentam necessidades de mais formação específica no sentido de promover uma aula mais atraente aos seus alunos.

As perguntas que encerram esta etapa e também o questionário que indaga sobre dificuldades e vantagens em se trabalhar com textos, as mesma estão mostradas a seguir: “Qual a maior dificuldade que você tem ao trabalhar com os textos em sala de aula?”; “Quais são os aspectos facilitadores deste estudo para a aprendizagem do aluno?”.

Em relação às dificuldades enfrentadas, o docente investigado alega ser a ausência de materiais, a dificuldades que os alunos apresentam e espaço adequado para a realização das aulas. A partir das respostas do professor, os mesmos têm plena consciência da importância das atividades, porém, a falta de espaço, habilidade e interesse dos alunos e material adequado, dificulta muito o trabalho.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96 Lei nº 9.394/96), a Escola deveria oferecer aos professores e alunos materiais e espaços adequados para realizar as aulas. Para isto, os recursos públicos destinados à Educação devem ser aplicados na manutenção e no desenvolvimento do Ensino

público, o que compreende a “aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao Ensino”.

#### 4.5 Análise do questionário 02 aplicado aos alunos

Na análise da entrevista aplicada aos alunos, percebeu-se que todos os alunos já haviam participado de atividades de leitura e interpretação de textos, de acordo com as respostas dadas a entrevista.

Com base nas respostas fornecidas a questão dois da entrevista (Você tem dificuldades em entender os conteúdos as aulas com textos?), percebe-se que a maioria, cerca de oitenta por cento dos alunos afirmam possuir dificuldades para participara das aulas, pois não possuem habilidades necessaárias para tal metodologia.

Ainda observando os resultados da questão 2, é importante relacioná-lo as respostas dadas a pergunta 4 (O trabalho com textos realizado lhe ajudou a entender o conteúdo da aula?), as porcentagens das respostas mostram que mais da metade dos alunos apresentam algum tipo de dificuldade.

A aceitação dessas atividades por parte dos alunos demonstraram a grande dificuldade nas aulas, apesar de todos os alunos já terem participado dessas experiências, a maioria afirma que não é capaz de realiza-las com adequadamente. No final da aula, os alunos não conseguem fazer, de fato, o que é orientado.

Nota-se que os educadores possuem dificuldades em sua maioria para trabalharem essa metodologia nas salas de aulas. Outro fator que indica dificuldades é a falta muitas vezes de interesse dos alunos e da própria coordenação da escola em elaborar uma metodologia inovadora.

Percebe-se neste contexto que os educandos preferem as aulas que não utilizam experiências de interpretação em suas metodologias. Segundo o aluno X do 6º ano: “a leitura e interpretação de textos, faz uma aprendizagem melhor, pois os alunos podem participar mais das aulas e que assim, aprendem com maior satisfação”. No entanto, o que se vê é uma deficiência notória no ato de ler, isso ocasiona o desinteresse dos alunos.

Segundo o aluno Y da turma do 6º ano: as aulas que tem interpretações mostram a realidade em que os mesmos estão inseridos, ou seja, há uma relação

com o texto lido e sua realidade. É necessário fazer essa contextualização por parte dos alunos, porque os mesmos tem muita dificuldade para ler.

Os educadores devem promover a utilização de estratégias que lhes permitam a interpretação e compreensão de textos de forma mais autônoma possível, sempre tendo cuidado com situações descontextualizadas – as famosas “receitas”, pois nem sempre o que é positivo para um aluno pode o ser para outro. Nem sempre o que funciona com um grupo, funciona com outro.

Estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos (...) não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação (...) são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. (SOLE, 1996, p.69).

#### 4.6 Análise dos textos aplicado aos alunos do 6º ano da Escola Professor Bernardino Pereira de Barros.

Os alunos que participaram da pesquisa, mostraram poucas habilidades e muita dificuldade para interpretar os textos. Neste sentido, verificou-se que muitos dependem da leitura do professor para tentar fazer sua interpretação e outros esperam o professor corrigir no quadro magnético as atividades, poucos foram os alunos que realmente conseguiram fazer a interpretação. Desse modo, mostra-se com relevância o objetivo deste trabalho que é apresentar as dificuldades que os alunos e professores enfrentam na sala de aula quando o contexto é leitura e interpretação de textos.

Dizer que a escola não oferece condições satisfatórias para o desenvolvimento de um trabalho que atenda as necessidades e dificuldades de cada aluno é, com certeza, revelar-se acomodado por parte dos docentes, pois para que aconteça a superação das dificuldades no ensino é necessário um ingrediente especial que é a condição humana; sendo os subsídios materiais apenas recursos dispensáveis.

A escola é sim um espaço privilegiado para o bom desenvolvimento da aprendizagem, pois através dela o aluno pode ter um convívio direto com novas perspectivas de conhecimentos e diferentes contatos com indivíduos ímpares. É

nesta perspectiva que os educadores deveriam olhar as dificuldades existentes, pois assim buscar-se-ia um objetivo a ser alcançado, de fato.

Quanto a nós, embora possamos considerar um conjunto de fatores, como o são a motivação e auto-estima do aluno e o envolvimento dos pais, entre outros, será a qualidade do ensino ministrado que fará a diferença. A paciência, o apoio e o encorajamento prestado pelo professor serão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar do aluno, abrindo-lhe novas perspectivas para o futuro. (CORREIA, 2005)

Fazendo uma análise das dificuldades encontradas pelos alunos com relação à interpretação do texto “Marta, a menina calada”, pode-se elencar a seguinte conclusão do nível que o texto foi desenvolvido, ou seja, o grau de dificuldades encontradas nesta pesquisa com relação ao desenvolvimento do aluno diante da leitura e interpretação. Fatores como indisciplina, desinteresse, dificuldades na leitura, e outros fatores que estão inseridos nos contextos da aplicação das aulas, promovem o fracasso escolar em muitos casos. Neste sentido é importante o educador perceber onde aparecem e quando aparecem essas dificuldades para tentar criar uma metodologia no sentido de amenizar tal problemática.

As dificuldades de aprendizagem devem ser levadas em conta, não como fracassos, mas como desafios e serem enfrentados, e ao se trabalhar essas dificuldades, trabalha-se respectivamente a dificuldades existentes na vida, dando oportunidade ao aluno de ser independente e de reconstruir-se enquanto ser humano e indivíduo.

Segundo Paulo Freire (2003), o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Essa leitura do espaço pedagógico pressupõe também uma releitura da questão das dificuldades de aprendizagem.

Infelizmente, a aprendizagem, em algumas instituições continua seguindo o modelo tradicionalista, onde é imposta e não mediada, criando uma passividade entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece calado. Assim, é necessário levar em conta também os efeitos emocionais que essas dificuldades acarretam, se faz necessário para que o aluno seja um suporte humano e apoiador para que o mesmo possa se libertar do que a faz ter dificuldades.

Ressalta-se que uma análise mais aprofundada de tudo relativo à aprendizagem proporciona uma reestruturação e reinterpretação do verdadeiro fator que leva às dificuldades de aprendizagem, reconhecendo-se que essas dificuldades fazem parte de um sistema bio-psico-social que envolve o aluno, a família, a escola e o meio social em que vive.

## 5.0 CONCLUSÃO

Com a realização do presente trabalho constatou-se que as dificuldades encontradas para a realização da interpretação e leitura de textos, chama a atenção, pois desperta a curiosidade para que novas metodologias sejam apresentadas, que essas sejam com temas que abordam assuntos relacionados ao cotidiano dos mesmos, como saúde, cultura, religião, política, entre outros temas. Verificou-se também que há um grande interesse e envolvimento dos educadores em mostrar a importância deste conhecimento adquirido a partir da leitura e interpretação de textos. No entanto, percebeu-se, ainda, que são inúmeros os fatores contrários que dificultam o sucesso das aulas, como já foi citado antes. Os alunos e os professores deveriam utilizar novos mecanismos que favoreçam o processo educativo.

Constatou-se após os estudos realizados que o aluno tem um espaço, muitas vezes, irregular para aprender, cujo objetivo é seria participar ativamente das aulas, interessando-se pelas atividades realizadas. Porém, constata-se que muitos alunos apresentam dificuldades para desenvolver tal prática em seu cotidiano, isso ocorre devido a vários fatores, tais como, a falta de formação, dificuldades cognitivas, alunos com problemas familiares, indisciplina, ausência de materiais e outros.

Em muitos casos os professores que ministram aulas para o Ensino Fundamental utilizam metodologias dinâmicas, porém com baixa frequência e tendo como guia o material apostilado. Verificou-se que o aluno prende-se, ao material apostilado, criando pouco e deixa de realizar ações pedagógicas coerentes com a realidade e necessidade didático-pedagógica para a sua formação. A maioria dos alunos investigados utiliza o material apostilado como um manual, seguindo-o a risca.

Os alunos na pesquisa de campo apontaram como dificuldades em realizar as atividades expostas como procedimentos metodológicos a falta de formação, ausência de recursos, materiais e ausência de compromisso. Pareceu-nos que o discente não percebe que as atividades podem ser realizado em outros espaços. Portanto, conclui-se ser pertinente à realização de um processo de formação continuada para o discente e docente que leve-os a investigar a própria prática

pedagógica e busque caminhos para construção de práticas coerentes à realidade e necessidades dos educando.

## 6.0 BIBLIOGRAFIA

COELHO, Mirian; PEREIRA, Suzimara. **Leitura: diferença entre interpretação e compreensão do texto**. Universidade do Estado do Mato Grosso - Campus Universitário de Tangará da Serra. Disponível em: <tangara.unemat.br/iii\_cole/pdfs/lingua/007.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2013.

KOCH, Ingedore V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 3. ed. Campinas: Contexto, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.

CORREIA, L.M.; MARTINS, A.P.; **Dificuldades de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?**. Rio de Janeiro, 2005.

FREINET. C. **Uma escola ativa e cooperativa**. São Paulo. 2002. Disponível em <http://www.novaescola.abril.com.br>. Acesso em 30 set. 2004

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia**, 27 ed, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE. P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2 ed. São Paulo: Olho d'água, 1993.

SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem: um encontro D'EUS**. Rio de Janeiro, Caravansarai, 2003.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e Alfabetização – Do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre,RS:Artmed Editora, 2001.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A Formação do Leitor**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **língua portuguesa**, v.2, Brasília, DF: MEC/ SEF, 1987.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a Ler: Vencendo o Fracasso**. SP: Cortez, 1994.

GARCEZ, L.H.C. Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARTINS, Leoneide Maria Brito. **Prática de leitura na universidade: uma reflexão teórico-crítica**. In: Educação e Emancipação: revista do curso de mestrado em educação de UFMA, São Luís, v.1, n. 1 jan./fev. 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elemento da pedagogia da leitura**. Rio de Janeiro. Martins Fonte, 1988

Guimarães, Rozener Aparecida Gonçalves. **Leitura e escrita: experiências transformadoras** Revista Ecos. Disponível em <http://www.revistaecos.com.br>. Edição nº 005. Julho de 2007 pdf >>. Acesso em 12 de Março. 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola - uma perspectiva social** 10ª ed. São Paulo Ática 1993.

MARICATO, Adriana. **Só quem lê Pode Ensinar o gosto Pela Leitura**. Revista Pedagógica Pátio, ano 10, n.40, p .37-34 Nov. 2006/Jan. 2007.

MENEZES, Luis Carlos. **A Língua em Todas as Disciplinas**. Revista de Quem Educa Escola Nova, ano XXIX. nº 221 p.90 Abril 2009.

BUENO, Silveira. **Dicionário da Língua portuguesa** São Paulo Didática Paulista 1999. p 50 p 975.

## **ANEXOS**

## ANEXOS I

### QUESTIONÁRIO PESQUISA DE CAMPO

NOME DO PROFESSOR: \_\_\_\_\_

TEMPO DE MAGISTÉRIO. \_\_\_\_\_

SÉRIE EM QUE TRABALHA \_\_\_\_\_

NÚMEROS DE ALUNOS \_\_\_\_\_

#### 1.0 CONCEPÇÕES DE TEXTOS

1.1- Qual sua opinião sobre a presença do Ensino de textos nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental?

1.2- Quantas vezes por semana você trabalha com temas relacionados ao ensino de textos em suas aulas

1.3- Em sua opinião, é possível haver relação do aprendido na escola com o cotidiano dos alunos no que se refere a interpretação? De que forma?

1.4- Os alunos interessam-se pelo ensino de textos?

#### 2.0 CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO

2.1- Qual a sua formação?

2.2- A respeito da sua formação enquanto professor, qual sua opinião sobre os conhecimentos adquiridos/construídos na universidade para atuação na área de Letras?

2.3- Você busca atualizar seus conhecimentos? Se sim, quais fontes você utiliza?

#### 3.0 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

3.1- Quais as estratégias de ensino que você utiliza quando trabalha com o ensino de textos?

3.2- Você trabalha interpretação com seus alunos? Se sim, com que frequência?

3.3- Como os alunos reagem em relação as aulas de interpretação em sala de aula? Quais são os resultados que você obtém?

3.4- Como você trabalha com a interpretação na sala de aula?

3.5- Qual a maior dificuldade que você tem ao trabalhar com os textos em sala de aula?

3.6- Quais são os aspectos facilitadores da interpretação para a aprendizagem do aluno?

## ANEXO II

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS DO \_\_\_\_ ANO DA ESCOLA \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_Anos

- 1) Você já havia participado antes de aulas com interpretação de textos?
  
- 2) Você tem dificuldades em entender os conteúdos de interpretação de textos?
  
- 3) Você acha importante as aulas práticas para seu aprendizado, por quê?
  
- 4) a interpretação de textos realizado lhe ajudou a entender o conteúdo da aula?
  
- 5) O que você entendeu do trabalho realizado em sala de aula?